

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

MAÍRA RODRIGUES DE CARVALHO DOS SANTOS

USO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM TRÊS COMUNIDADES
REMANESCENTES DE QUILOMBO NO MUNICÍPIO DE ITACARÉ, BA.

ILHÉUS – BAHIA

2011

MAÍRA RODRIGUES DE CARVALHO DOS SANTOS

USO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM TRÊS COMUNIDADES
REMANESCENTES DE QUILOMBO NO MUNICÍPIO DE ITACARÉ, BA.

Dissertação apresentada para obtenção do título de
mestre em Ciência Animal, à Universidade
Estadual de Santa Cruz.

Área de concentração: Clínica e sanidade animal
Orientadora: Profa. Roueda Abou Said

ILHÉUS – BAHIA

2011

MAÍRA RODRIGUES DE CARVALHO DOS SANTOS

USO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM TRÊS COMUNIDADES
REMANESCENTES DE QUILOMBO NO MUNICÍPIO DE ITACARÉ, BA.

Dissertação apresentada para obtenção do título de
mestre em Ciência Animal, à Universidade
Estadual de Santa Cruz.

APROVADA: 26 de setembro de 2011

Profa. Dra. Flávia Cristina de Mello

Prof. Dr. Fábio Pedro Bandeira

Prof. Dra. Roueda Abou Said (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi preenchido por companhias e ajudas sem as quais não seria possível a sua concretização, principalmente pelo seu carácter multidisciplinar. Por isso, agradeço imensamente:

A Capes pela concessão da bolsa de estudos.

A Profa. Dra. Roueda Abou Said (Ro). Por ser única em sua orientação e pela coragem em enfrentar esse desafio é que pude seguir em frente e concretizar este projeto. Agradeço por todos os momentos que passamos juntas nesses dois últimos anos, e por poder compartilhar um pouco da sua leveza no modo de viver a vida.

A Prof Dra. Larissa Bonfim pela ajuda importante na botânica, em áreas afins e fundamentais para concretização deste trabalho.

A Prof Dra. Elis Fiamengue e a Leonardo Ciríaco pela simpatia, boa vontade e ajuda inicial.

Ao Lima por me salvar no herbário.

A Prof. Dra. Valéria Amim pela ajuda e indicações bibliográficas.

Aos professores e colegas do programa de mestrado que contribuíram para a minha formação.

A Tamielle, pela boa vontade sempre, pela ajuda impagável, empadas, companhia e pelos momentos divertidos que passamos em campo.

A Vivaldo Mendonça, a Sayonara do Instituto Floresta Viva.

Ao Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia pelo auxílio no mapa.

A todos do Santo Amaro em especial Jitilene, Jorge, D. Juliana, D. Santília, D. Maria Angélica e D. Maria da Conceição; todos do Fojo em especial a S. Delsuq, D. Miana, D. Delice, D. Joana, S. Miguel, S. Josias, D. Josefina e às crianças Adriele, Franciele, Taís, Tamires, Chiquinho e Aline; a todos do João Rodrigues em especial Ariana, Dudo, S. Domingos, D. Alicinha, D. Cosmira, Xuxu, D. Railda eu lhes ofereço o meu agradecimento mais profundo, pois sem a sabedoria única, a boa vontade, o bom humor e a acolhida de todos não seria possível nem pensar em realizar este projeto.

A toda minha família e amigos que torceram e torcem pelo meu sucesso.

A minha irmã, Carolina (Ná) pelas energias positivas e por fim, aos meus pais, Carla e Gabriel, que me deram raízes e asas. As razões da minha existência. Homem de sonhos impagáveis e de conselhos inesgotáveis. Mulher de criatividade ímpar e inteligência singular. Não sei nem medir o quanto vocês foram importantes nesses últimos dois anos, sem contar os 23 anteriores. Só criando um país novo mesmo para gente poder se enquadrar nesse mundo. Viva Chapelon!

Desenho

Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
Raramente, um pouco mais.

(Cecília Meireles – O estudante empírico)

RESUMO

Estudos etnológicos possuem, em sua maioria, caráter multidisciplinar. Em se tratando da etnobotânica e etnomedicina estes podem envolver conhecimentos a respeito de biologia, botânica, farmácia, medicina, veterinária e antropologia. A etnobotânica é a ciência que estuda as diversas relações entre o homem e o mundo vegetal, englobando tanto a maneira que um determinado grupo social classifica as plantas, quanto os usos que dá a elas. A etnomedicina diz respeito aos sistemas médicos adotados por um determinado grupo de pessoas. Comunidades “tradicionais” ou “locais” estão diretamente relacionadas a estudos deste caráter, já que, geralmente, possuem uma relação diferenciada com os recursos naturais. A importância do registro e interpretação dos conhecimentos que determinadas comunidades possuem a respeito do uso de plantas medicinais associa-se ao valor cultural vinculado a este saber, a perspectiva da identificação de novos fármacos e por representar como valiosa ferramenta para a conservação da biodiversidade. No Brasil, cerca de um quarto do território é ocupado por comunidades tradicionais, sendo que as comunidades remanescentes de quilombo representam grande parte deste número, com 1.711 já registradas. O Litoral Sul da Bahia, região de domínio do ecossistema Mata Atlântica, é reconhecido internacionalmente pelos altos índices de diversidade botânica, elevado grau de devastação além do conhecimento tradicional mantido através de gerações por comunidades rurais, indígenas e remanescentes de quilombo. Objetiva-se a partir desta revisão de literatura, abordar os aspectos relacionados aos estudos etnobotânicos, tendo como enfoque principal o uso de plantas medicinais por comunidades remanescentes de quilombo.

Palavras chave: etnobotânica, quilombolas, mata atlântica, etnomedicina.

ABSTRACT

Ethnological studies have, in most cases, are multidisciplinary. In the case of ethnobotany and ethnomedicine these may involve knowledge about biology, botany, pharmacy, medicine, veterinary medicine and anthropology. The ethnobotany is the science that studies the changing relationship between man and the vegetable world, encompassing both the way a particular social group classifies plants, and uses that gives them. The ethnomedicine relates to medical systems adopted by a particular group of people. "Traditional" or "local" communities are directly related to studies of this character, since usually have a different relationship with natural resources. The importance of recording and interpreting the knowledge that certain communities have about the use of medicinal plants associated with the cultural value attached to this knowledge, the perspective of identifying new drugs and represents a valuable tool for biodiversity conservation. In Brazil, about one quarter of the territory is occupied by traditional communities, and the remnants of Quilombo communities represent a large part of this number, with 1,711 already registered. The South Coast of Bahia, a region of Atlantic Forest area of the ecosystem, is internationally recognized for high levels of botanical diversity, high degree of devastation beyond the traditional knowledge held through generations by rural communities, indigenous and remnants of Quilombo. The objective from this literature review, is to address the aspects related to ethnobotanical studies, focusing primarily on the use of medicinal plants by remnants of Quilombo communities.

Keywords: ethnobotany, quilombola, atlantic forest, ethnomedicine.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1	Breve histórico do uso de plantas	11
2.2	Etnociências: etnobiologia, etnobotânica, etnomedicina, etnofarmacologia e etnoveterinária	12
2.3	Comunidades tradicionais	13
2.4	Comunidades remanescentes de quilombo	15
2.5	Mata Atlântica	17
2.6	Exemplos de estudos etnobotânicos já realizados em regiões de Mata Atlântica no Brasil	18
2.7	Estudos etnobotânicos já realizados em região de Mata Atlântica no Sul da Bahia	19
2.8	Exemplos de estudos etnobotânicos realizados em comunidades remanescentes de quilombo no Brasil	20
	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21
3	ARTIGO	28
	RESUMO	29
4	INTRODUÇÃO	30
5	MATERIAIS E MÉTODOS	32
5.1	Área de estudo	32
5.1.1	Comunidade Santo Amaro	33
5.1.2	Comunidade Fojo	34
5.1.3	Comunidade João Rodrigues	34
5.2	Coleta e análise dos dados	34
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
6.1	Transmissão de conhecimentos, interferências do meio urbano, interferências da medicina moderna	36
6.2	Espécies medicinais	38
6.3	Parte da planta	47
6.4	Forma de preparo	48
6.4	Indicações	48
6.6	Etnomedicina veterinária	49

6.7	Interação entre as comunidades	51
6.8	Herança africana X Comunidades remanescentes de quilombo	51
7	CONCLUSÕES	53
	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

1 INTRODUÇÃO

A etnobotânica é a ciência que estuda as diversas relações entre o homem e o mundo vegetal, englobando tanto a maneira que um determinado grupo social classifica as plantas, quanto os usos que dá a elas, seja na alimentação, em rituais religiosos, no preparo de cosméticos, no tratamento de doenças, na construção de casas ou artesanato (AMOROZO, 1996).

Usualmente, os estudos etnobotânicos visam o conhecimento proveniente de comunidades tradicionais, pois estas vivem em associação direta com seus habitats naturais por séculos, unindo, na maioria das vezes, a utilização da diversidade biológica com a conservação (POSSEY, 1992). Geralmente, essas populações se encontram isoladas e/ou com difícil acesso aos centros urbanos, fazendo com que os recursos naturais se tornem alternativas para sua sobrevivência.

Dentre as metodologias que podem ser empregadas em pesquisas etnobotânicas estão os estudos etnodirigidos. Este método consiste na seleção de espécies vegetais através da indicação por grupos populacionais em determinados contextos de uso e a aplicação que fazem destas espécies em seus sistemas de saúde e doença (ALBUQUERQUE E HANAZAKI, 2006).

O Litoral Sul da Bahia, região de domínio do ecossistema Mata Atlântica, é reconhecido internacionalmente pelos altos índices de diversidade botânica, elevado grau de devastação além do conhecimento tradicional mantido através de gerações por comunidades rurais, indígenas e remanescentes de quilombo. Justifica-se desta maneira, o desenvolvimento de pesquisas que visem resgatar tais informações.

Objetiva-se a partir desta revisão de literatura, abordar os aspectos relacionados aos estudos etnobotânicos, tendo como enfoque principal o uso de plantas medicinais por comunidades remanescentes de quilombo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Breve histórico do uso de plantas

Através da observação dos animais e experimentação intuitiva e acidental, o homem descobriu os recursos vegetais que poderiam ser utilizados na culinária, na medicina e cosmética e também aqueles que possuíam efeitos indesejados (LORENZI; MATOS, 2002; MARINHO et al., 2007). Os animais exploram os recursos naturais de forma instintiva e desde cedo o homem já observava o comportamento dos animais com o objetivo de descobrir plantas que servissem como remédio tanto para uso humano quanto veterinário (ENGEL, 2007).

Na Tanzânia, por exemplo, existe uma espécie vegetal nativa denominada *Vernonia amygdalina*, conhecida pela sua elevada toxicidade, sendo causadora da morte de diversas cabras nesta região. No entanto, os chimpanzés possuem uma técnica de retirar as camadas exteriores do broto da planta e apenas sugar a parte central. Posteriormente foram descobertas propriedades medicinais desta parte da planta contra a malária e diversas doenças parasitárias, entre elas a esquistossomose (ENGEL, 2007).

O primeiro tratado de medicina foi elaborado pelos egípcios (Tratado de Erbes), e é datado da primeira metade do século XVI antes de Cristo. Nele foram descritos 700 produtos com propriedades medicinais incluindo plantas medicinais e fórmulas medicamentosas, metais e venenos de animais (BASTOS, 2007). Na Grécia e Roma antigas (1200 a.C e 1000 a.C respectivamente), a medicina esteve estreitamente dependente da Botânica. Hipócrates, na obra "Corpus Hippocraticum", fez um registro em que consta a indicação de medicamentos à base de vegetais para cada enfermidade (SILVA, 2002; BASTOS, 2007).

Na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, há muitas referências às plantas com propriedade terapêutica ou cosmética, como por exemplo, o aloés (*Aloe vera*), o benjoim (*Styrax* spp.) e a mirra (*Commiphora myrrha*) que eram usadas para retardar a putrefação dos mortos (SILVA, 2002; BASTOS, 2007).

Os recursos botânicos também tiveram estreita relação com a história do Brasil, os quais motivaram várias disputas de território e, por fim, a colonização portuguesa. Quando os primeiros colonizadores desembarcaram nas terras brasileiras, uma gama de produtos vegetais já era usada pelas inúmeras tribos

indígenas existentes. A exemplo, o pau-brasil (*Cesalpinia echinata*) era muito utilizado para tingimento de roupas e para a escrita (VIEGAS, 2006).

Na primeira metade do século XVI os colonizadores portugueses trouxeram ao Brasil negros africanos para exploração da mão-de-obra em um regime de escravidão. Os africanos introduziram no país, os mais diversos elementos incluindo a culinária, a dança, a música, a maneira de se vestir além dos hábitos religiosos que deram origem às religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. O uso de plantas medicinais constitui importante papel na vida social e religiosa dos afro-descendentes (ALBUQUERQUE, 1999).

Diante dos fatos que envolvem a formação histórica do Brasil, pode-se dizer que o conhecimento indígena nativo, associado ao conhecimento trazido pelas culturas europeias e pelos escravos africanos, contribuíram para a formação das bases da tradição brasileira nos diversos usos das plantas (PORTO, 2006) .

2.2 Etnociências: etnobiologia, etnobotânica,etnomedicina, etnofarmacologia e etnoveterinária

A definição de alguns conceitos se faz necessária para a melhor compreensão do presente trabalho. Denominam-se etnociências as pesquisas relacionadas ao estudo ou descrição dos costumes de determinado povo. Estas tiveram início nos anos cinqüenta, quando pesquisadores norte-americanos iniciaram seus estudos junto às populações da América Latina (SILVA, 2002).

Apesar de já ter sido praticada em pesquisas anteriores, a etnobiologia só foi definida por Posey (1986) como o estudo dos conhecimentos desenvolvidos por qualquer sociedade a respeito da biologia, estando diretamente relacionada tanto à ecologia humana quanto aos conceitos cognitivos usados pelos povos em estudo.

Da etnobiologia derivam outras disciplinas, como a etnobotânica, etnozootologia, etnofarmacologia, etnomedicina, e etnoveterinária. Lévi-Strauss (1986) antropólogo, representou importante papel na história da etnobotânica quando desenvolveu a pesquisa intitulada "O uso das plantas silvestres da América do Sul Tropical", com enfoque nos povos indígenas.

Oliveira et al. (2009), destacam a etnobotânica como uma disciplina antiga na prática no entanto, jovem em teoria. Em resumo é a ciência que aborda a relação do homem com as plantas, as técnicas de manejo para a conservação, o valor e a

importância dos recursos naturais para as comunidades e as formas de percepção e apropriação dos recursos vegetais (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006), não se restringindo apenas à apresentação de uma lista de plantas tabuladas e sim ampliando para uma interpretação sistemática dos dados coletados. Desta maneira, a etnobotânica, se relaciona diretamente com os campos da Antropologia, Medicina e Botânica (HEINRICH et al., 2009).

Neste contexto está inserida também a Etnofarmacologia. Este termo foi usado pela primeira vez por Efron et al.¹ (1967 apud HEINRICH; GIBBONS, 2001) no trabalho intitulado “*Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs*”. O conceito de etnofarmacologia é passível de diversas definições por vários autores. Albuquerque e Hanazaki (2006, p. 279) definem como “estudo dos preparados tradicionais utilizados em sistemas de saúde e doença, podendo incluir plantas, animais, fungos e/ou minerais”. Waller (1993) a define como a validação dos conhecimentos obtidos em estudos etnobiológicos mediante sua avaliação em modelos farmacológicos, ou seja, vai além do registro das plantas medicinais utilizadas, e inclui também uma avaliação experimental. Já Di Stasi (2005), prefere adotar um antigo conceito do termo o qual se restringe à identificação e registro dos diferentes usos medicinais das plantas por diferentes grupos.

Ressalta-se, entretanto, que a utilização dos recursos naturais pelas comunidades tradicionais muitas vezes perpassa por questões religiosas e culturais, cuja reprodução em modelos farmacológicos torna-se descontextualizada (MCCORKLE, 1989; WANZALA et al, 2005)

A etnomedicina relaciona-se aos sistemas médicos utilizados pelas populações, sendo estes provenientes dos recursos animais, vegetais e/ou minerais. À semelhança, a etnoveterinária ou antropologia veterinária seria conceituada como uma pesquisa sistemática que tem como tema principal ou como principal ponto de partida o conhecimento e as crenças populares (teorias, taxonomias, definições, diagnósticos, etc) referentes a qualquer aspecto da saúde animal (MCCORKLE, 1986).

¹ EFRON, D. et al.. (1967). *Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs*. Washington, D.C. Government Printing Office. Public Health Service Publications No. 1645.

2.3 Comunidades Tradicionais

Como citado anteriormente, os estudos etnológicos são usualmente conduzidos em comunidades tradicionais, sendo estas rurais, indígenas, caiçaras, remanescentes de quilombo, dentre outras. Segundo definição da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (2008, p. 4), comunidades tradicionais são:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Diegues (1998) ressalta que a relação das populações tradicionais com o território é bastante distinta da que é estabelecida pelas sociedades urbanas. Algumas comunidades tradicionais se reproduzem explorando uma multiplicidade de habitats exigindo assim, um conhecimento aprofundado a respeito dos recursos naturais e épocas de reprodução das espécies possuindo, portanto, uma maior integração no uso dos ecossistemas.

Cerca de um quarto do território nacional (2.128.553,825 Km²) é ocupado por povos ou comunidades tradicionais, sendo que os remanescentes de quilombo ocupam uma área de 30 milhões de hectares, totalizando cerca de 2 milhões de pessoas; e os povos indígenas ocupam uma área de 110 milhões de hectares, totalizando 734.127 pessoas (BRASIL, 2006).

Com a intenção de atualizar estes dados, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, criada por decreto em 2006, desenvolveu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e Comunidades Tradicionais que dentre outros objetivos, se propõe a realizar o levantamento dos povos e comunidades tradicionais do Brasil (BRASIL, 2008).

Desta maneira, o conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural transmitido oralmente de geração em geração (DIEGUES et al., 2000). Outra definição feita por Berkes (1993), define o conhecimento tradicional como experiências adquiridas através de séculos a partir

do contato humano direto com o meio ambiente. Em contrapartida McCatchey (2005), afirma que muitos pesquisadores usam o termo “tradicional” como maneira de supervalorizar ou de transmitir uma imagem positiva de um conhecimento autêntico e imutável, supõe ainda que esta definição é vaga já que existem amplas evidências de que todas as culturas humanas passaram e passam por constantes evoluções, adaptando-se a ambientes em mudança. Congregando com essa teoria, alguns autores utilizam o termo “local” em substituição ao “tradicional”, quando se referem ao conhecimento obtido em estudos etnológicos (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006; LEONTI, 2011).

2.4 Comunidades remanescentes de quilombo

No século XVI os primeiros escravos africanos desembarcaram no Brasil. A partir de então, decorreram mais de três séculos de luta dos negros contra o regime da escravidão (THORNTON, 2004). Resistentes a esse sistema, os africanos descobriram um caminho para a liberdade, fugindo para as matas e formando pequenos grupos que foram denominados de quilombos ou mucambos e seus membros de quilombolas, calhambolas ou mocambeiros. No século XIX os quilombos já estavam espalhados por todo o Brasil, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul (REIS e GOMES, 1996).

O termo quilombo tem origem bantu significa “acampamento guerreiro na floresta”. No entanto, antes mesmo de ocorrer a escravidão dos negros africanos no Brasil, esta já ocorria no próprio continente africano. Kabengele Munanga (1996, p.18-19) afirma que o modelo de quilombo brasileiro “é uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos” .

Atualmente, os descendentes daqueles quilombolas pertencem às comunidades denominadas “remanescentes de quilombo”. Este termo foi utilizado pela primeira vez em 1988 pela Constituição Federal no intuito de regularizar os direitos fundiários reivindicados por estas pessoas (BRASIL, 1988). No entanto, a expressão gerou margem a algumas interpretações errôneas e só foi melhor definida em 1994, pela Associação Brasileira de Antropologia, ocasião em que foi desfeita a idéia de isolamento e de formação decorrente de processos insurrecionais (LEITE,

2000). Passou a ser denominada comunidade remanescente de quilombo “toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado.” (SÃO PAULO, 1997, p. 47).

O fato é que a Constituição Federal de 1988 garantiu às populações remanescentes de quilombo o direito sobre a terra da qual vivem de atividades geralmente vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, de acordo com as regiões em que se situam (DIEGUES et al., 2000).

Nos dias atuais existem cerca de 1.711 comunidades certificadas como remanescentes de quilombo pelo Diário Oficial da União no Brasil segundo a Fundação Cultural dos Palmares (2011), instituição vinculada ao Ministério da Cultura, que tem por finalidade preservar a cultura afro-brasileira. Sendo que, de todos os estados brasileiros, o que detém o maior número de comunidades é o Maranhão com um total de 381, seguido pela Bahia com 380 e Minas Gerais com 107.

No município de Itacaré (BA), existem sete comunidades remanescentes de quilombo denominadas Água Vermelha, Porto do Oitizeiro, Fojo, João Rodrigues, Santo Amaro, Serra de Água e Porto de Trás, esta última caracterizada como um “quilombo urbano” (FUNDAÇÃO DOS PALMARES, 2011). Não existem registros históricos exatos da data de formação das comunidades acima, nem os próprios moradores locais sabem determiná-la (INSTITUTO FLORESTA VIVA, 2008). Segundo Nogueira (2011)², estas comunidades remanescentes de quilombo teriam se originado a partir da devassa do quilombo Oitizeiro, em 1806 planejada pelo governador da época, João de Saldanha. Este quilombo se localizava nas imediações da Vila de Barra do Rio de Contas, atual município de Itacaré, e na ocasião da devassa os moradores do local se dispersaram, tentando encontrar novos esconderijos nas regiões de mata fechada (REIS e GOMES, 1996).

Outro estudo aponta o naufrágio de um navio de escravos do século XVII, como o ponto de partida para a formação do Oitizeiro e de outras comunidades ao longo do Rio de Contas. Ainda propõe que a comunidade remanescente de quilombo Bananal, da Chapada Diamantina (BA) reconhece que seus parentes mais antigos estão no município de Itacaré (INSTITUTO FLORESTA VIVA, 2008).

² Comunicação pessoal fornecida por antiga moradora do município de Itacaré, Otília Nogueira

As comunidades remanescentes de quilombo de Itacaré se encontram entremeadas nos fragmentos de Mata Atlântica que ainda restam na região, e vivem em contato direto com os recursos naturais. Nas últimas décadas tem-se buscado diversas maneiras de conter a devastação dos ecossistemas naturais e promover a manutenção da diversidade biológica. As populações tradicionais vivem há vários séculos nas florestas tropicais, extraindo recursos naturais, na maioria das vezes, sem prejudicar a mata nativa (ALBUQUERQUE, 1999).

Silva (2008), afirma que as populações tradicionais, em especial as quilombolas, podem representar um importante papel para a conservação da natureza e, diante do desenvolvimento urbano industrial do país, se tornam um dos principais fatores de impedimento desta destruição.

2.5 Mata Atlântica

A Mata Atlântica é o nome genérico dado às matas úmidas que se estendiam por toda a costa brasileira, assim como ao complexo de ecossistemas a elas associados. Esse complexo florestal estendia-se por aproximadamente 4 mil km, com entradas interiores mais preponderantes nos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Bahia, e ocupava entre 1 milhão e 1,3 milhões de km² do território nacional. Essas florestas foram em sua maior extensão destruídas restando hoje apenas 7,3% de sua área original (CAPOBIANCO, 2001; TONHASCA JR., 2005). A Mata Atlântica é considerada como Patrimônio Nacional e abrange total ou parcialmente 18 estados brasileiros (BRASIL, 2007).

O histórico de expansão do turismo costeiro, exploração de madeira e agropecuária deu origem a uma mata extremamente fragmentada na região Nordeste. Apesar disso, o sul da Bahia (compreendido entre os rios Jequitinhonha e Contas) contém a parcela mais significativa deste bioma com uma riqueza de espécies da fauna e da flora que é considerada como um dos principais centros de endemismo da Mata Atlântica por muitos estudiosos (TABARELI et al., 2005; PIOTTO, 2009).

A diversidade biológica e a presença de populações tradicionais entremeadas a esses fragmentos (indígenas, rurais, e remanescentes de quilombo) acabam atraindo pesquisas para a região nas mais diversas áreas de conhecimento como

ecologia e conservação, botânica, zoologia, etnobiologia (MARTINI et al, 2007; SCHROTH et al., 2011) e mais recentemente alguns estudos etnomédicos e etnobotânicos, como será exposto no tópico seguinte.

2.6 Exemplos de estudos etnobotânicos já realizados em regiões de Mata Atlântica no Brasil

Rossato et al (1999) desenvolveram um estudo etnobotânico em cinco comunidades caiçaras no estado de São Paulo, avaliando o uso dos recursos botânicos para fins medicinal, artesanal, alimentar e para construção de casas. Neste trabalho foram citadas 276 espécies, sendo que destas apenas 30 foram citadas pelas cinco comunidades em estudo. Foi observado que nas comunidades situadas em ilhas, a diversidade de plantas citadas foi menor do que nas comunidades presentes no continente. Supostamente, esse fato estaria relacionado com a diferença da biodiversidade entre estes locais.

Hanazaki et al. (2000) também realizaram levantamento sobre a diversidade de plantas usadas por duas comunidades caiçaras no estado de São Paulo, verificando o seu uso para fins medicinais, artesanais, alimentar e construção de casas. Após serem entrevistados 102 informantes, obtiveram-se dados a respeito de 214 espécies botânicas, sendo que 51% das espécies citadas eram nativas da Mata Atlântica. Ao contrário do estudo anterior, os resultados encontrados entre as duas comunidades foram muito próximos, não havendo diferença significativa.

Di Stasi et al (2002) desenvolveram um estudo com habitantes de área urbana e rural no Vale do Ribeira (São Paulo), em que foram listadas 114 espécies vegetais para uso medicinal. Foi observado que a região tem tradição no uso de plantas medicinais e no preparo de medicamentos caseiros. Também observaram que cerca de 40% das plantas citadas eram nativas da mata atlântica.

No estado de Pernambuco um estudo feito com comunidade rural no município de Igarassu levantou 125 espécies botânicas utilizadas para fins medicinais. Uma relevante discussão a respeito da quantidade de plantas exóticas e cultivadas foi levantada, já que mesmo estando localizada em região de mata atlântica, a maior parte das espécies citadas eram exóticas (cerca de 54%) (GAZZANEO et al., 2005). Enquanto supõe-se que a introdução de plantas exóticas na farmacopeia brasileira é algo natural e recorrente (BENETT; PRANCE, 2000),

Gazzaneo et al. (2005), atribuem o resultado encontrado ao fato da proibição do uso das plantas nativas ou até mesmo pela preferência às espécies exóticas.

2.7 Estudos etnobotânicos já realizados em região de Mata Atlântica no Sul da Bahia

Na região Sul da Bahia alguns trabalhos de etnobotânica já foram realizados. Santos (2001) abordou aspectos sobre o uso de plantas medicinais no bairro urbano de São Miguel, no município de Ilhéus, listando o uso de 80 espécies.

Ainda no município de Ilhéus, Moreira et al. (2002) fizeram um levantamento etnobotânico na comunidade rural “Vila Cachoeira” relacionando 85 espécies de plantas de uso medicinal para o tratamento de doenças em humanos.

Outro trabalho a respeito do conhecimento popular sobre plantas medicinais usadas em comunidades rurais de Mata Atlântica do município de Itacaré realizado por Pinto et al. (2006) revelou o uso de 98 plantas diferentes na prática terapêutica, sendo que destas aproximadamente 74% são cultivadas, e mais da metade exóticas, apesar da riqueza de fauna presente no local. Estes autores atribuem esse resultado a dois possíveis fatores: a uma consequência às mudanças culturais e da miscigenação étnica, com a popularização de espécies da Europa, Ásia e África ao longo de cinco séculos de colonização; ou pelo fato de o hábito do uso de plantas medicinais ser atribuído principalmente às pessoas do sexo feminino, que não têm o hábito de entrar na mata, ajudando a fixar o padrão de exploração preferencial das plantas exóticas cultivadas.

Pires et al. (2009) fizeram o levantamento de plantas usadas em terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna no qual foram registradas 78 espécies vegetais distribuídas em 43 famílias, sendo as mais representativas Asteraceae, Lamiaceae, Fabaceae e Myrtaceae respectivamente. As plantas citadas eram usadas em rituais religiosos, fins ornamentais e medicinais e cerca de 14% eram nativas da Mata Atlântica. Desta maneira, concluiu-se que apesar das transformações ocorridas nessas comunidades ao longo dos anos, os participantes mais efetivos e tradicionais do Candomblé eram portadores de valiosos conhecimentos farmacobotânicos.

2.8 Exemplos de estudos etnobotânicos realizados em comunidades remanescentes de quilombo no Brasil

Almeida e Bandeira (2010) realizaram estudo em Jeremoabo, região semi-árida do estado da Bahia, em duas comunidades remanescentes de quilombo afim de determinar o significado cultural das plantas utilizadas por tais comunidades para fins medicinais, religiosos, alimentares, veterinário, artesanal, utilização em construções, como combustível, comercialização, melífera e forrageira. Constatou-se que as plantas nativas da caatinga exercem influencia direta na vida dos entrevistados, e apesar das comunidades do estudo serem de religião católica, ainda são influenciados em suas práticas pelas religiões de matriz africana.

No Piauí, em comunidade remanescente de quilombo localizada no Baixo Parnaíba, foram levantadas 83 espécies de uso medicinal. Neste estudo foi verificado o desinteresse da população jovem pelo conhecimento sobre o uso das plantas medicinais e a possível perda deste conhecimento ao longo dos anos (FRANCO; BARROS, 2006).

Em região de Mata Atlântica do Espírito Santo, na comunidade remanescente de quilombo Cachoeira do Retiro, Crepaldi e Peixoto (2009) realizaram estudo etnobotânico relacionando o uso e o conhecimento local a respeito das plantas com a conservação da biodiversidade da região. Isso foi possível através do emprego de uma metodologia denominada “avaliação da prioridade de conservação” que busca determinar se as técnicas de uso das espécies arbóreas pela comunidade eram prejudiciais para tais espécies. Das 49 espécies que eram coletadas pelos moradores locais, 35% necessitavam de medidas emergenciais para sua conservação.

Apesar do estado da Bahia abrigar cerca de 380 comunidades remanescentes de quilombo apresentando grande importância cultural e histórica no que diz respeito aos descendentes de africanos, poucos estudos etnomédicos e etnobotânicos já foram realizados sendo que na região sul da Bahia ainda não há nenhum estudo sobre o uso tradicional de plantas medicinais em comunidades deste tipo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Di Stasi, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. Botucatu: UNESP, 1996. p. 47-68.

ALBUQUERQUE, U. P. Referências para O Estudo da Etnobotânica dos Descendentes Culturais do Africano no Brasil. **Acta Farmaceutica Bonaerense** 18 (4): p. 299-306, 1999.

ALBUQUERQUE, U.P., HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, p. 678-689, 2006. Suplementum 16.

ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. F. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia** 61(2): p. 195-209, 2010.

BASTOS, G.M. **Uso de preparações caseiras de plantas medicinais utilizadas no tratamento de doenças infecciosas**. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: p. 111, 2007.

BENNETT, B. C., PRANCE G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany**. 54: p. 90-102, 2000.

BERKES, F. Traditional Ecological Knowledge in Perspective. In: INGLIS, J.T. **Traditional Ecological Knowledge: concepts and cases**. (ed.). IDRC, 1993.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>.

Acesso em: 03 set. 2011.

BRASIL, (2006). Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. **Subsídio para as oficinas a realizarem-se no período de 14 a 23 de setembro de 2006**. Disponível em: <[http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/PolicNacDesSust\(1\).pdf](http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/PolicNacDesSust(1).pdf)>

BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. (2007). **Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira**: Atualização – Portaria nº9, de 23 de janeiro de 2007.

BRASIL, (2008) Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. **Levantamento preliminar de dados – Pesquisa Nacional sobre Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil: localização, georeferenciamento**. Disponível em:

<http://www.koinonia.org.br/oq/uploads/noticias/5002_Minuta%20projeto%20de%20Mapeamento%20das%20popula%C3%A7%C3%B5es%20tradicionais.pdf>

CAPOBIANCO, J. P. **Dossiê Mata Atlântica**. São Paulo. ISA, 2001.

CREPALDI, M.; PEIXOTO, A. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 19(1): p. 37-60, 2009.

DI STASI, L. C. An integrated approach to identification and conservation of medicinal plants in the tropical forest—a Brazilian experience. **Plant Genetic Resources** 3(2): p. 199–205, 2005.

DI STASI, L. C., G. P. OLIVEIRA, et al. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia** 73(1): p. 69-91, 2002.

DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

DIEGUES, A. C. S., VIANA, V. M. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. São Paulo: Nupaub, 2000.

ENGEL, C. (2007). Zoopharmacognozy. In: Wynn, S. G. e FOUGÈRE, B. J. **Veterinary Herbal Medicine**. Elsevier: 2007, 695 p.

FRANCO, E.A.P., BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu 8: p. 78-88, 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PALMARES. Certidões atualizadas. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/> último acesso, 20/07/2011

GAZZANEO, L. R. S.; LUCENA, R. F. P.; ALBUQUERQUE, U. P. Knowledge and use of medicinal plants by local specialists in an region of Atlantic Forest in the state of Pernambuco (Northeastern Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 1: 9, 2005.

HANAZAKI, N. TAMASHIRO, J. Y., et al. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**. 9: p. 597-615, 2000.

HEINRICH, M., et al. Ethnopharmacological field studies: A critical assessment of their conceptual basis and methods. **Journal of Ethnopharmacology**. 124: p. 1–17, 2009.

HEINRICH, M; GIBBONS, S. Ethnopharmacology in drug discovery: an analysis of its role and potential contribution. **Pharmacy and Pharmacology**. 53: p. 425-432, 2001.

KABENGELE, M. Origen histórico del quilombo en Africa. In: **America Negra: Expedicion humana a la zaga de la américa oculta**. Pontificia Universidad Javeriana. 11: Colombia, 1996.

LEONTI, M. The future is written: Impact of scripts on the cognition, selection, knowledge and transmission of medicinal plant use and its implications for ethnobotany and ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology** 134(3): p. 542-555, 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. O uso das plantas silvestres da américa do Sul tropical. In: Ribeiro, B. G. **Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia**. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1986.

LORENZI, H., MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002, 542 p.

MARINHO, M. L. et al. A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária: um resgate do saber popular. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, 9 (3): p. 64-69, 2007.

MARTINI, A., et al. A hot-point within a hot-spot: a high diversity site in Brazil's Atlantic Forest. **Biodiversity and Conservation** 16(11): p. 3111-3128, 2007.

MCCLATCHEY, W. C. Exorcizing Misleading Terms from Ethnobotany.

- Ethnobotany Research & Applications** 3: p. 001-004, 2005.
- MCCORKLE, C. M. Veterinary Anthropology. **Human Organization** 48 (2): p. 156-162, 1989.
- MCCORKLE, C. An introduction to ethnoveterinary research and development. **Journal of Ethnobiology** 6 (1): p. 129-149, 1986.
- MOREIRA, R. C. T. et al. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, 21 (3): p. 205-11, 2002.
- OLIVEIRA, F. C. et al. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta botânica brasílica** 23 (2): p. 590-605, 2009.
- PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta botânica brasílica** 20 (4): p. 751-762, 2006.
- PIOTTO, D. et al. Forest recovery after swidden cultivation across a 40-year chronosequence in the Atlantic forest of southern Bahia, Brazil. **Plant Ecology** 205 (2): p. 261-272, 2009.
- PIRES, M. V. et al. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** 7: p. 3-8, 2009.
- PORTO, A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro 13 (4): p. 1019-27, 2006.
- POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, B. G. **Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia**. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1986.
- POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: Seminário Internacional sobre meio ambiente, pobreza e desenvolvimento da Amazônia, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará, p. 112-117, 1992.
- REIS, J. J.; GOMES, F. S. **Liberdade por um fio: historia dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 509 p.
- ROSSATO, S. C., LEITAO-FILHO, H. F. BEGOSSI, A. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany** 53 (4): p. 387-395,

1999.

SANTOS, N. R. S. **Uso popular de plantas medicinais na região cacaeira da Bahia. Bairro de São Miguel, Ilhéus.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2001, 132 p.

SÃO PAULO (Estado). Quilombos em São Paulo. Tradições, direitos e lutas. São Paulo: ITESP - Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo "José Gomes da Silva", 1997. 188p.

SCHROTH, G. et al. Conservation in tropical landscape mosaics: the case of the cacao landscape of southern Bahia, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 20 (8): p. 1635-1654, 2011.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica das plantas medicinais na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal Tropical). Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém. 2002, 175 p.

SILVA, S. R. **Negros na Mata atlântica, territórios quilombolas e a conservação da natureza.** Tese de doutorado (Programa de pós-graduação em geografia física). Universidade de São Paulo. 2008, 370 p.

TABARELI, M. et. al. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. **Revista Megadiversidade** 1 (1): p. 132-138, 2005.

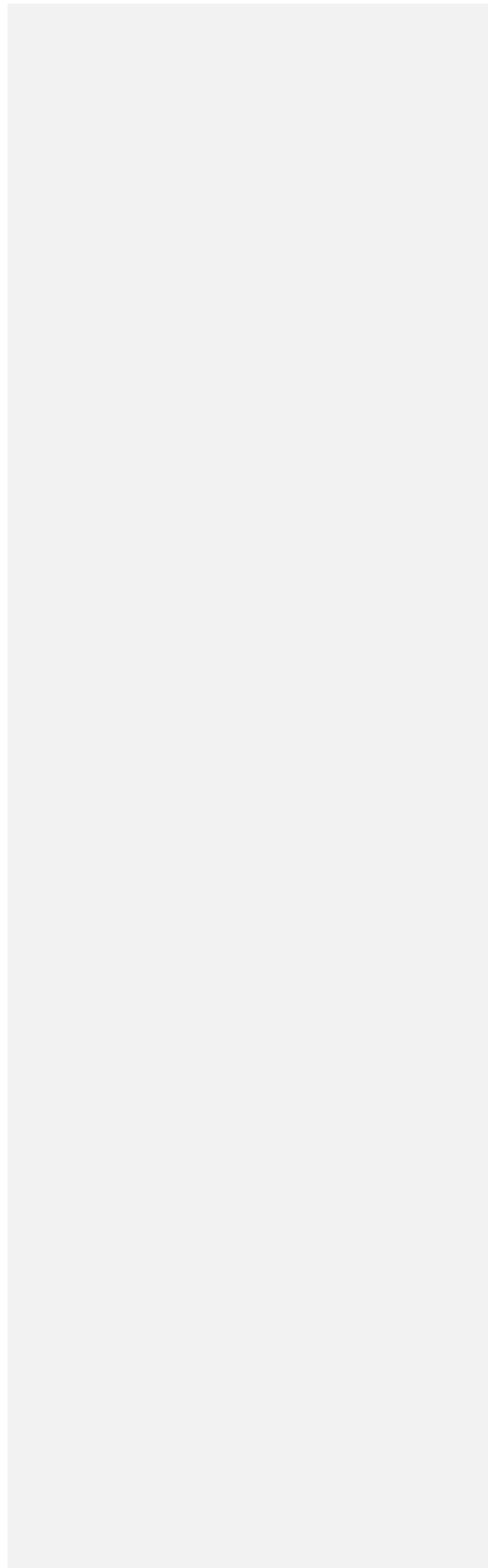
THORNTON, J. K. A. **África e os africanos: na formação do mundo Atlântico, 1400-1800.** Rio de Janeiro Campus, 2004. 436 p.

TONHASCA, JR., A. **Ecologia e história natural da Mata Atlântica.** Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2005, 197 p.

VIEGAS, C. J., BOLZANI, V. S., BARREIRO, E. J. Os produtos naturais e a química medicinal moderna. **Química Nova.** 29 (2): p. 326-337, 2006.

WALLER, D. P. Methods in ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology.** 38: p. 189-195, 1993.

WANZALA, W.; et al. (2005). Ethnoveterinary medicine: a critical review of its evolution, perception, understanding and the way forward. **Livestock Research for Rural Development.** 17 (11): 1-40.



3 ARTIGO

RESUMO

A palavra quilombo significa acampamento guerreiro na floresta. No Brasil, este termo foi popularizado pelos portugueses para se referir às unidades criadas pelos rebeldes africanos em oposição ao regime escravagista. Nos dias atuais os descendentes de africanos, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas. Objetivou-se com este trabalho descrever e analisar o uso de plantas no contexto da etnomedicina e etnoveterinária, por três comunidades remanescentes de quilombos do município de Itacaré – BA. A seleção dos entrevistados se deu através do método “bola de neve” definindo uma amostragem não-probabilística, foram selecionados 20 informantes-chave. Foram catalogadas 91 plantas compreendidas em 47 famílias e 78 gêneros, sendo as mais citadas Lamiaceae (11%), Asteraceae (9%), Fabaceae (4%) e Anacardiaceae e

Amaranthaceae (4%). O uso de folhas representou um total de 55% nas citações, seguida da planta inteira (18%), raiz 8%, flor 6%, “cavaco” (casca) 5%, fruto e semente 3% e látex 1%. As indicações médicas de maior destaque foram para o tratamento de dor (40%), dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, dor de barriga, dor no corpo, dor muscular e dor em geral. As indicações para doenças do sistema digestório como disenteria, diarreia, dor no estômago, gastrite e “quentura”, totalizaram 25. Treze espécies foram citadas para uso veterinário, sendo que cinco foram indicadas como de uso exclusivo para animais. Confirmou-se a existência de conhecimentos tradicionais nas comunidades estudadas e a sua manutenção através das gerações apesar de também existirem influências da medicina moderna. O papel dos informantes entrevistados é de fundamental importância para a perpetuação deste conhecimento.

Palavras-chave: etnobotânica; etnomedicina; etnoveterinária; África; informante-chave

4 INTRODUÇÃO

Em meados do século XVI os primeiros escravos africanos desembarcaram no Brasil. A partir de então, decorreram mais de três séculos de luta dos negros contra o regime escravocrata (THORNTON, 2004), o que resultou na sua organização em unidades denominadas de quilombos ou mocambos.

A palavra quilombo, em sua etimologia bantu, significa acampamento guerreiro na floresta. No Brasil, este termo foi popularizado pela administração colonial portuguesa para se referir às unidades criadas pelos rebeldes ao regime escravagista e luta pelo fim da escravidão no País, regime que perdurou até o final do século XIX, com a Abolição da escravatura em 1888 (LEITE, 2008).

A partir de então, os descendentes de africanos reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores (LEITE, 2000).

Como forma de minimizar os recorrentes episódios de lutas pela posse das terras entre os descendentes dos quilombolas e fazendeiros, posseiros³ e grileiros⁴, a Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988, p. 46) estabeleceu em seu artigo 68 que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos.”

Para que uma comunidade tenha acesso à política de regularização de territórios quilombolas é necessário que ela se auto reconheça como um quilombo. É preciso também que haja uma relação histórica com o território reivindicado. A partir do reconhecimento de que a comunidade existe, baseada em sua história, costumes e cultura, ocorre sua certificação como comunidade remanescente de quilombo (FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PALMARES, 2011).

Atualmente, são certificadas 1.711 comunidades remanescentes de quilombo no Brasil, sendo os estados Maranhão e Bahia àqueles que detêm o maior número de comunidades, com 381 e 380, respectivamente. No município de Itacaré (BA), existem certificadas sete comunidades remanescentes de quilombo, denominadas

³ Posseiro: indivíduo que ocupa terra devoluta.

⁴ Grileiro: indivíduo que se apossa de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade.

Água Vermelha, Porto do Oitizeiro, Fojo, João Rodrigues, Santo Amaro, Serra de Água e Porto de Trás (FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PALMARES, 2011).

Não existem registros históricos sobre a data de formação das comunidades remanescentes de quilombo de Itacaré, nem mesmo os habitantes que lá moram atualmente sabem determiná-la. Segundo Nogueira (2011)⁵, estas comunidades remanescentes de quilombo teriam se originado a partir da devassa do quilombo Oitizeiro, em 1806 planejada pelo governador da época, João de Saldanha. Este quilombo se localizava nas imediações da Vila de Barra do Rio de Contas, atual município de Itacaré, e na ocasião da devassa os moradores do local se dispersaram, tentando encontrar novos esconderijos nas regiões de mata fechada (REIS; GOMES, 1996).

A exceção da comunidade Porto de Trás, caracterizada como um “quilombo urbano”, as demais comunidades estão inseridas em áreas rurais, e estão localizadas no bioma Mata Atlântica. Embora este bioma tenha sofrido um grande processo de desmatamento em diversas regiões do Brasil, nesta localização este se manteve conservado, sendo considerado grande centro de endemismo de espécies da fauna e flora (TABARELI et al., 2005; PIOTTO et al., 2009).

As comunidades remanescentes de quilombo supracitadas mantêm estreita relação com o ambiente que as cerca, ao passo que sua economia e subsistência estão atreladas às atividades de agricultura, produção animal e pesca. Além disto, estas comunidades citam a associação dos recursos naturais com práticas religiosas e com o tratamento de doenças, mediante o uso de plantas medicinais (INSTITUTO FLORESTA VIVA, 2008).

As práticas tradicionais mantidas pelas comunidades refletem sua contextualização histórica e também a dinâmica das transformações que estas sofreram ao longo do tempo (LEONTI, 2011). Tendo em vista que tais conhecimentos são usualmente transmitidos de maneira oral, o registro e interpretações destas informações mediante a realização de estudos etnológicos torna-se relevante.

Dentre os estudos etnológicos, a etnobotânica aborda a relação do homem com as plantas, as técnicas de manejo para a conservação, o valor e a importância dos recursos naturais para as comunidades e as formas de percepção e apropriação dos recursos vegetais (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). Já a etnomedicina e a

⁵ Comunicação pessoal fornecida por antiga moradora do município de Itacaré, Otília Nogueira

etnoveterinária enfocam o conhecimento tradicional das comunidades na utilização dos recursos naturais nos sistemas de saúde do homem e dos animais, respectivamente. (MCCORKLE, 1986).

Tendo como base a condição histórica e o conhecimento tradicional dos descendentes de quilombolas, associado à miscigenação cultural entre as diferentes etnias que povoaram o Brasil, objetivou-se descrever e analisar o uso de plantas no contexto da etnomedicina e etnoveterinária, por comunidades remanescentes de quilombos do município de Itacaré – BA.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 Área do estudo

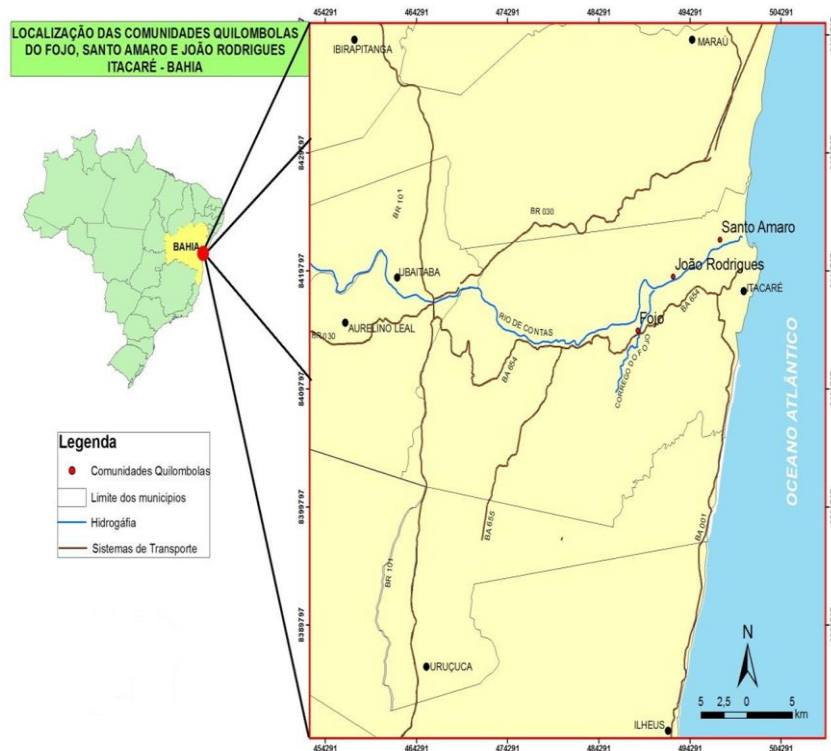
O trabalho foi realizado nas comunidades remanescentes de quilombo denominadas Santo Amaro (14° 16' 10.4988" S -39° 1' 21.6984" W), Fojo (14° 20' 21.4008" S -39° 6' 22.3992" W) e João Rodrigues (14° 17' 53.0988" S -39° 4' 12.6984" W), que se localizam no município de Itacaré – BA (Figura 1). Este município possui uma área de 737,85 km², situado na região Nordeste do Brasil. Segundo dados do CPTEC a precipitação anual é de 1700 mm, sendo o período de meses mais chuvosos de fevereiro a julho; a temperatura média anual é de 25 °C caracterizando-se em uma região de clima tropical úmido.

Itacaré está localizada a 230 quilômetros ao sul da capital baiana, Salvador. Segundo o censo do IBGE (2010), o município possui 24.340 habitantes, dos quais 13.670 residem na zona urbana e 10.670 na zona rural. A vegetação presente nesta região é a Mata Atlântica, bioma caracterizado por mata ombrófila densa possuindo em sua formação árvores muito altas e abundância de epífitas. Além disso, a região é banhada pelo Rio de Contas, que representa importante papel para a economia do local e é um dos principais meios de transporte para as populações das comunidades mais afastadas.

Não existem registros oficiais quanto aos dados demográficos das comunidades estudadas, entretanto, em trabalho realizado pelo Instituto Floresta Viva (Organização não governamental sediada no município de Ilhéus), em 2008 foi feito um levantamento populacional a respeito da quantidade de famílias existentes nos locais. Estes dados foram utilizados no presente trabalho.

A seguir, uma breve caracterização de cada comunidade.

Figura 1 - Mapa de localização das Comunidades Fojo, João Rodrigues e Santo Amaro



Fonte: Instituto de Estudos Sócio ambientais do Sul da Bahia (IESB)

5.1.1 Comunidade Santo Amaro

A comunidade Santo Amaro está localizada na margem esquerda do Rio de Contas, à cerca de 2 km do porto de Itacaré e o acesso se dá através de canoa ou balsa. Nela existem em torno de 21 famílias, no entanto poucas pessoas residem no local devido à proximidade com a área urbana do município e a crescente necessidade de emprego e educação. A maioria das casas é pequena e são feitas de tábuas e estão dispostas em uma única rua sendo que as demais estão dispersas,

mas em uma distancia que não ultrapassa 1 km entre elas. Quase toda a área da comunidade pertence a uma só moradora, a mais antiga. A Santo Amaro possui como religião o candomblé, no entanto celebra as datas da religião católica. É desprovida de escola, posto de saúde, sistema de esgoto e luz elétrica. O principal cultivo existente é o coco seguido do dendê e mandioca. Além disso, há pequenas criações de galinha caipira e bovinos na comunidade.

5.1.2 Comunidade Fojo

A comunidade do Fojo se localiza nas margens da estrada Itacaré/Taboquinhas possuindo cerca de 100 famílias. Nela, há a presença de energia elétrica, uma escola da 1ª a 4ª série e uma igreja da Assembléia de Deus. Não há sistema de esgoto nem posto de saúde no local. O principal cultivo é o cacau, seguido do coco e dendê. Algumas famílias criam galinha caipira e bovino.

5.1.3 Comunidade João Rodrigues

A João Rodrigues se localiza na margem esquerda do Rio de Contas e possui cerca de 48 famílias com casas dispersas entre si. A comunidade possui tradição católica, mas com algumas influencias do candomblé. Os principais cultivos da comunidade são o cacau e a banana seguida de coco e cupuaçu, em se tratando de animais há criação de bovinos, equinos e galinha caipira. É desprovida de escola, posto de saúde, sistema de esgoto e luz elétrica.

Distância entre comunidades: Santo Amaro – João Rodrigues: 6,04 Km

João Rodrigues – Fojo: 5,99 km

Santo Amaro – Fojo: 11,85 km

5.2 Coleta e análise dos dados

Para dar início ao trabalho, foi realizada uma visita ao Conselho Quilombola de Itacaré, sendo estabelecido o primeiro contato com as lideranças de cada comunidade. Nesta ocasião, foi entregue uma cópia do projeto escrito, e apresentados verbalmente os objetivos da realização de tal pesquisa. A partir do

consentimento dado pelas lideranças, foi realizada uma reunião em cada comunidade para a apresentação do trabalho aos moradores locais. Nessa oportunidade, foi identificado ao menos um informante-chave na comunidade. Todos os envolvidos na pesquisa foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) previamente aprovado por Comitê de Ética da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

A coleta de dados realizou-se, durante o período de julho de 2010 a maio de 2011, em visitas semanais, por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas abertas, registradas em gravador de voz. Segundo Posey (1986), deixar o informante livre de restrições pode contribuir para a obtenção de dados mais fidedignos e significativos, por isso as perguntas contidas nos questionários foram formuladas da maneira mais aberta possível. Foram coletados dados a respeito das plantas medicinais que a população local usa e/ou conhece para tratar problemas de saúde em humanos e em animais, e informações complementares sobre as partes usadas, modo de preparo e indicações.

A seleção dos entrevistados foi intencional e se deu através do método “bola de neve” (BAILEY, 1994), que se caracteriza pela indicação de um indivíduo competente no assunto, que por sua vez indica outro e assim sucessivamente. Desta maneira, foi definida uma amostragem não-probabilística (ALBUQUERQUE et al., 2010), totalizando 20 informantes-chave dos quais doze eram mulheres e oito, homens. Na comunidade Santo Amaro foi possível a identificação de cinco informantes-chave sendo todos do sexo feminino e com idade variando entre 55 e 67 anos. Na comunidade João Rodrigues foram identificados oito informantes-chave, três mulheres e cinco homens, a idade variou de 33 a 76 anos. No Fojo foi possível a identificação de sete informantes-chave, dos quais cinco eram mulheres e dois homens, a idade dos informantes variou de 47 a 80 anos.

Após cada entrevista, o participante foi convidado a realizar uma turnê guiada⁶ nos quintais, capoeiras e mata para a coleta das plantas citadas durante as entrevistas. Após cada coleta foi feito um “check list” para conferência do nome vernáculo de cada planta, e todos exemplares foram prensados para posterior secagem em estufa e identificação de espécies (SANTOS et al., 2010).

⁶ Visita aos quintais, capoeiras ou mata guiada pelo informante chave para coleta de plantas citadas durante as entrevistas.

Todas as plantas foram incorporadas ao acervo do Herbário UESC e a partir disso gerados os números de registro.

As entrevistas gravadas foram posteriormente transcritas e todos os dados obtidos foram tabulados e analisados. A tabela de plantas foi organizada em ordem alfabética através do nome das famílias, nome científico, nome vernáculo, parte da planta usada, tipo de preparo da planta, se é aplicada a humanos ou animais e número de vezes que cada espécie foi citada. Foram mantidos os termos locais usados pelos entrevistados para denominar doenças, partes da planta e métodos de preparo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Transmissão de conhecimento, interferências do meio urbano, interferências da medicina moderna

Após realização das visitas e entrevistas, foi possível verificar uma valorização dos conhecimentos a respeito das plantas medicinais e considerável transmissão destes às novas gerações nas comunidades estudadas. Essa constatação foi possível através da presença quase que constante dos filhos dos informantes durante as entrevistas. Estes faziam interferências a fim de demonstrar o seu conhecimento também. O saber local é transmitido através das gerações apenas de forma oral, tendo em vista que o número de analfabetos dentro das comunidades é elevado. Quando questionados a respeito da origem de obtenção dos conhecimentos que possuem hoje 100% dos entrevistados relataram ter aprendido com seus pais ou avós através da observação destes no dia-a-dia, caracterizando a transmissão horizontal.

Em contrapartida, há uma crescente busca dos jovens pelo meio urbano decorrente da necessidade de trabalho, estudo e lazer e o conseqüente desinteresse pelas atividades agrícolas, fato que contribui para a menor convivência com as pessoas mais velhas e detentoras dos saberes tradicionais. Este fato também foi observado por Crepaldi e Peixoto (2009) que constataram uma perda de transmissão de conhecimentos tradicionais para os jovens devido à mudança no estilo de vida “quilombola”.

Apesar de distantes do meio urbano e das dificuldades de acesso e transporte para os municípios vizinhos, as comunidades estudadas não estão isoladas, os moradores tem acesso quase que diário ao município de Itacaré e/ou ao distrito Taboquinhas, seja pelo rio ou por estradas recentemente construídas que vieram a facilitar este deslocamento. Além disso, na comunidade Fojo, a única que possui energia elétrica, os informantes relataram que obtém conhecimento a respeito das plantas medicinais através da televisão e rádio como se pode notar a partir do relato: “Antigamente tinha poucos médico e hoje, graças a Deus, em toda parte do mundo a gente encontra... aprende em casa, pelo rádio, pela televisão, tudo a gente tá apreciando o que tá se passando... que antigamente não era assim.”

Em outro relato nota-se a dinâmica da construção do conhecimento a respeito de plantas medicinais e a influência que os meios de comunicação podem exercer sobre este conhecimento “...antes a gente frevia tudo, hoje já sabe que na televisão mostra que não pode frever, coloca a folha na água quente e deixa lá, sem fogo...” Segundo Leonti (2011), a cultura não é estática e é natural que ocorram mudanças na dinâmica de determinado conhecimento local decorrente de influências externas, contanto que estas tragam benefícios à saúde das populações mais afastadas.

A respeito do contato com a medicina moderna, este é presente na vida de todos informantes com exceção de um, que, aos 65 anos, relatou nunca ter ido ao médico do meio urbano e nunca ter ingerido nenhum remédio de farmácia. Os demais costumam ir ao médico, porém com baixa frequência. A maior parte dos entrevistados possuía algum problema de saúde, diagnosticado por médicos do município de Itacaré, como por exemplo, gastrite, diabetes, pressão alta e problemas na coluna. Os informantes relataram o uso de remédios de farmácia juntamente com o uso de plantas medicinais, como forma complementar ao tratamento. Desta maneira, a medicina moderna tem influência na vida dos informantes, mas não os impede de continuar preparando seus remédios caseiros, este fato foi também observado por Giraldi e Hanazaki (2010) e Amorozo (2004).

Foi possível ainda constatar que alguns informantes-chave, das três comunidades, integravam os conhecimentos da medicina tradicional, medicina moderna e religião, quando do tratamento de doenças, como fica evidenciado no relato a seguir, em que uma informante-chave foi questionada a respeito de sua preferência entre remédio de farmácia e remédio caseiro: “...todos faz efeito, mas às vezes a gente vai no médico, toma aquele remédio e não vê efeito e aí toma uma

folhinha aí Deus abençoa e faz efeito. Ali você já acrescenta aquela fé naquela folha...”

É importante ressaltar que dentre as pessoas entrevistadas na comunidade Santo Amaro, estava a “dona do terreiro” de candomblé e foi esta pessoa quem indicou um maior número de espécies. As outras informantes desta comunidade mencionaram a primeira como detentora do conhecimento sobre o uso de plantas, sobretudo para os tratamentos com banho, que carregam consigo um cunho religioso/supersticioso.

6.2 Espécies medicinais

A partir das entrevistas realizadas foi possível a catalogação de 91 espécies apresentadas na Tabela 1. Estas estão compreendidas em 47 famílias e 78 gêneros, sendo a Lamiaceae (11%) a mais predominante, seguida da Asteraceae (9%), Fabaceae (4%) e Anacardiaceae e Amaranthaceae (4%) (Figura 2). Este resultado corrobora com o encontrado por Pinto et al. (2006) em estudo realizado com comunidades rurais na mesma região. Em trabalho realizado nos terreiros de candomblé da região Sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna), as três famílias mais citadas também foram Asteraceae, Lamiaceae e Fabaceae (PIRES et al., 2009).

Figura 2 – Famílias mais representativas

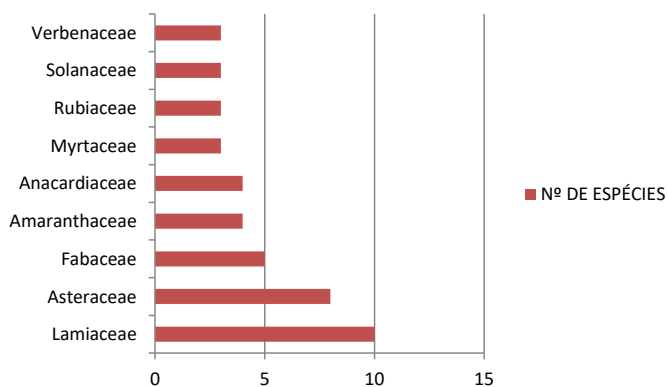


Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NR	NOME POPULAR	PARTE	TIPO DE PREPARO	INDICAÇÃO	ESPECIFICAÇÕES DE USO	ESPÉCIE	NC	COMUNIDADE
Acanthaceae	<i>Peristrophe angustifolia</i> Ness.	13936	Emburana	Ramos (1), folhas (2)	Chá, tempero	(1) estômago, uso culinário/ (2) dor		Humano	2	F
	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	13971	Comigo ninguém pode	Planta inteira/ Folhas	Banho, planta cultivada	Mal olhado, espante		Humano	3	JR
Amaranthaceae	<i>Alternanthera ficoidea</i> R. Br	13939	Doutorzinho	Ramos	Chá	Dor		Humano	1	F
	<i>Pfaffia stenophylla</i> (Spreng.) Stuchlik	13930	Anador/ Novalgina	Ramos (1), folhas (2)	Chá	(1) dor, febre, estômago/ (2) dor, febre		Humano	6	F, JR, STA
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	13903	Tetraciclina/ Treque-treque/ pricilina/ bezetacil	Folhas	Chá	Inflamação, dor, febre		Humano	4	F, JR, STA
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	13927	Mastruz	Folhas	Chá (1), sumo (2), pó (3)	(1) inflamação, verme, dor de barriga/ (2) verme, inflamação, perna quebrada, antibiótico/ (3) machucado.	(3) para fazer o pó a folha deve ser torrada. No caso de inflamação tomar por 3 dias o chá ou o sumo. No caso de dor de barriga e verme usar junto com <i>M. villosa</i> . Para galinha usar o sumo em fraturas.	Humano/ galinha	8	F, JR, STA
Anacardiaceae	<i>Schinus terebintifolius</i> Raddi	13910	Aroeira	Cavaco, folhas	Banho, chá	Ferida na pele, banho de asseio, bom para o sangue, dor de estômago, espinhela caída, disenteria, febre, inflamação		Humano	6	F, JR, STA
	<i>Mangifera</i> sp.	13902	Manga	Folha	Chá	Diabetes, colesterol e dor		Humano	2	STA

Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

	<i>Spondias purpurea</i> L.	13905	Siriguela	Folha	Chá	Garganta inflamada		Humano	3	F
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	13918	Caju	Casca	Banho/ pó	Corte		Humano	5	F
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	13914	Graviola/ Pinha	Folhas, fruto, semente	Chá (1), sumo (2)	Pressão baixa (1), picada de cobra (2), rim (1)	Quando usada para pressão baixa acrescentar noz moscada; quando usar a semente torrar e colocar na água morna	Humano/ qualquer animal no caso de picada de cobra	7	F, JR, STA
Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	13894	Coentro largo/ Coentrão	Folhas	Banho (1), chá(2)	Frieira (1), pressão alta (2)	(1) acrescentar sal	Humano	2	JR, STA
Araceae	<i>Caladium bicolor</i> Vent.	13983	Tiorão	Raiz	Sumo	Ferida		Qualquer animal	1	JR
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	—	Coco verde	Fruto/ óleo	coloca na água/ óleo	Disenteria/ dor de barriga/ pela de cachorro	Usar o fruto bem pequeno no caso de disenteria. No uso veterinário, misturar o óleo do coco com enxofre	Humano/ cachorro	3	F, STA
Asteraceae	<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	13946	Dipirona	Folhas	Chá	Dor, febre		Humano	4	F
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	13958	artemijo, losna	Folha	Chá	Dor		Humano	7	F
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	13951	Mentraso	Ramo	Banho	Espante		Humano	2	STA
	<i>Lactuca sativa</i> L.	13954	Alface	Folhas	Sumo	Depressão		Humano	1	F
	<i>Vernonia condensata</i> Baker	13947	Alumã	Folhas	Sumo (1), chá (2)	Estômago, febre, cachorro pelado (1), dor de barriga, gastrite (2)	No caso de pela de cachorro acrescentar enxofre e óleo de coco ao sumo.	Humano/ cachorro	7	F, STA, JR
	<i>Wedelia trilobata</i> (L.) Hitchc.	13987	Mal me quer	Folhas (1), flor (2)	Sumo, chá (1)/ Lamedor (2)	Gripe, tosse, febre, dor de cabeça (1), catarro (2)	No lamedor acrescentar açúcar	Humano	3	STA, JR
	<i>Bidens pilosa</i> L.	13901	Carrapicho agulha	Folhas	Chá	Rim, inflamação, hepatite		Humano	4	F, JR, STA

Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

	<i>Verbesina macrophyla</i> (Cass.) S.F.Blake	13932	Assa peixe	Folhas	Chá (1), banho de asseio (2)	Coluna, rim (1)/ inflamação de mulher (2)		Humano	2	F, JR
Bignoniaceae	<i>Mansoa alliaceae</i> (Lam.) A.H. Gentry	13967	Alho do mato/ cipó alho	Folhas	Lambedor (1), Chá (2)	Tosse, bronquite (1)/ dor de cabeça (2)	No lambedor acrescentar açúcar ou mel	Humano	2	JR
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	13929	Urucum	Semente	Deixa de molho na água	Diabete, colesterol, pressão alta, pela de cachorro, sarna	Deixar na água por dois dias e depois tomar. Banho do urucum verde pra pela de cachorro.	Humano/ cachorro	1	JR
Boraginaceae	<i>Cordia bifurcata</i> Roem. & Schult.	13898	Maria preta	Folha	Sumo, chá	Tosse	No uso do sumo misturar com leite	Humano	3	JR
	<i>Cordia multispicata</i> Cham.	13943	Maria preta/ rompegibão	Folha	Sumo	Gripe		Humano	4	JR
Brassicaceae	<i>Brassica</i> sp.	13973	Couve preta	Folhas	In natura	Gastrite		Humano	1	JR
Burseraceae	<i>Protium aracouchini</i> (Aubl.) Marchand	13913	Amescla	Látex (1), cavaco (2) e folha (3)	Chá (2), no álcool (1) (2) (3)	Sinusite, calmante (1), dor muscular, dor de cabeça (3), espinhela caída, bom para o sangue (2)	O látex no álcool é utilizado para inalação	Humano	4	F, STA, JR
Caesalpinaceae	<i>Sclerobium</i> sp.	13933	Cordão de São João	Folhas	Banho	Coceira, ferimento		Humano	2	F
Capparaceae	<i>Cleome</i> af. <i>aculeata</i> L.	13912	Chinchim de galinha	Folhas, ramo	Chá	Inflamação, ovário		Humano	2	STA
Caryocaraceae	<i>Caryocar enduro</i> Casar.	13996	Pequi	Cavaco	Deixa de molho na água	Dor de dente		Humano	1	JR
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Kurz	13940	Folha da costa	Folhas	Lambedor	Gripe	Preparar junto com açúcar e alho	Humano	2	JR, F
Cucurbitaceae	<i>Cucurbita pepo</i> L.	13942	Abóbora	Flor	Sumo	Dor de ouvido	Pingar no ouvido	Humano	1	F

Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

Cyperaceae	<i>Rynchospora speciosa</i> (Kunth.) Bôeckel	13937	Capim estrela	Ramo (1), raiz (2)	Chá	Gripe, corrimento, inflamação (1)/ inflamação (2)		Humano	4	F, JR
Euphorbiaceae	<i>Chamaesyce</i> sp.	13985	Sangrinho	Ramo	Chá	Disenteria	Não pode tomar muito	Humano	1	JR
	<i>Manihot</i> sp	13956	Mandioca	Raiz	Sumo (manipuera)	Carrapato/ sarna		Cavalo	1	JR
Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	13911	Fedegoso/ Tiririquim	Ramo (1), folha (2), raiz (3), flor (4), vagem (5)	Banho (1), chá (2) (3), lambedor (4), pó (5)	Febre (1) (3), gripe (3), espante (2) (3), mal olhado, dor de ouvido, constipação		Humano	5	F, STA, JR
	<i>Copaifera</i> sp.	—	Copaíba	Óleo		Derrame, batida, ferida	Misturar o óleo na água e beber no caso de derrame, para ferida apenas aplicar o óleo puro no local	Humano	5	JR, F
	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) Dc.	13986	Carrapicho	Ramo	Banho	Cachorro inchado, problema de pele, sem querer comer		Cachorro	1	JR
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	13916	Andú/ Feijão andú	Folhas, ramo	Banho, chá	Dor de dente, febre, mal olhado, constipação	No caso de dor de dente apenas bochechar, não ingerir o chá	Humano	5	F, JR, STA
	<i>Zornia glabra</i> Desv.	13923	Arrozinho verde	Ramo	Chá	Uretra		Humano	1	STA
Hypericaceae	<i>Vismia ferruginea</i> H. B. K.	13978	Capianga	Folhas	Sumo	Impinge		Humano	1	JR
	<i>Vismia latifolia</i> Choisy	13982	Capianga	Folhas	Sumo	Impinge		Humano	1	JR

Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	13895	Quioid/quioid verdadeiro/ quioid cravo/ majerona/ manjericao	Folha	Chá (1), banho, lambedor (2), sumo (3)	Dor, gripe, pressão alta, calmante, tosse, constipação (1), gripe (2) (3)	Acrescentar mel ou açúcar no preparo do lambedor. No caso de constipação o chá é preparado junto com <i>C. cajan</i>	Humano	9	F, STA, JR
	<i>Plectranthus ornatus</i> <i>Codd.</i>	13899	Boldo	Folha, ramo	Chá	Dor, febre, estômago, ressaca, gastrite		Humano	4	F, STA, JR
	<i>Plectranthus</i> sp.	13919	Oxalá	Folhas	Chá, sumo	Dor no estômago, febre		Humano	4	F, STA
	<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poir	13953	Canudinho	Folhas	Banho, pó	Ferimento, febre, banho de asseio	Para fazer o pó usado em feridas é preciso torrar a folha	Humano	3	F
	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	13970	Favaca fina	Folhas	Chá	Infecção		Humano	1	JR
	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	13962	Erixisparagoes	Folhas	Chá	Coração, pressão alta, gases presos, dor, dor de barriga		Humano	4	F, STA
	<i>Mentha pulegium</i> L.	13906	Poejo	Ramos, folhas	Lambedor (1), Chá (2)	Gripe (1), cólica, dor (2)		Humano	3	F, STA
	<i>Mentha piperita</i> var <i>citrate</i>	13897	Água de alevante	Folhas	Chá	Dor, cólica, coração, pressão alta		Humano	4	F, STA
	<i>Mentha villosa</i> Huds.	13925	Hortelã	Folha	Chá (1), sumo (2)	Dor de barriga (1), verme (1) (2), espinhela caída (1), espante (1), inflamação (2), espante	No caso de derrame tomar o chá apenas duas vezes por semana	Humano	4	F, STA
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	13907	Alecrim/ alecrim verdadeiro	Folhas	Chá	Dor, cólica		Humano	2	F, STA
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	13917	Abacate	Folhas	Chá	Diabete, pressão alta, para dormir		Humano	2	STA

Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

Lytraceae	<i>Cuphea</i> sp.	13896	Barba de são Pedro	Ramos (1), raiz (2), folha (3)	Chá	Gripe, indigestão, dor de barriga (1), disenteria (2), diarreia (3)		Humano	4	F
Malpighiaceae	<i>Byrsonima sericea</i> DC	13915	Murici	Ramos	Banho	Espante, corpo quebrado		Humano	1	STA
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	13972	Algodão	Folhas	Chá, sumo	Disenteria, pancada, catarro, inflamação no útero, dor		Humano	6	F, STA, JR
Melastomataceae	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don	13984	Folha fogo	Folhas	Sumo	Ferida	amassar a planta junto com fumo, água ou saliva para extrair o sumo	Humano	1	JR
	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) triana	13920	Canela de velho	Folhas	Chá	Dor no estômago, gastrite		Humano	2	STA
Menispermaceae	<i>Chondrodendron microphyllum</i> (Eichler) Moldenke	13965	Desinchadeira	Folha	Banho	Desinchar corte	junto com pó do entrecasco do caju torrado	Humano	1	JR
Musaceae	<i>Musa</i> sp.	—	Banana prata	Nódua		espirro, doença no olho	Pingar a nódua na água de beber dos animais	Galinha	2	STA
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	13921	Pitanga	Fruta, folhas	Chá	Gripe, febre, dor de cabeça		Humano	3	F, STA, JR
	<i>Psidium guineense</i> S. W.	13922	Araçá	Folhas	Chá	Dor de barriga, disenteria		Humano	3	F, STA
	<i>Psidium guajava</i> L.	13964	Goiaba	Casca	Chá	Dor de barriga		Humano	1	F
Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp.	13976	Maracujá	Sumo	Folha	Dor de barriga (1), pressão alta	acrescentar óleo de cozinha (1)	Cavalo/ burro/ humano	2	F
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	13961	Quebra pedra	Folhas, ramo	Chá	Rim		Humano	4	F, STA
Phytolacaceae	<i>Phytolacca thyrsoiflora</i> Fenzl ex J. A. Schmidt	13960	Bredo	Sementes, folhas	Sumo	Pela de cachorro		Humano/ cachorro	2	F, JR

Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

Piperaceae	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	13900	Favaquinha de cobra	Ramo	Chá	Quentura na barriga, disenteria		Humano	2	STA
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	13975	Trançagem	Folha	Chá	Útero inflamado	Fazer o chá junto com pedra ume	Humano	3	F
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	13928	Capim santo	Folhas	Chá, banho, lambedor	Pressão alta (folhas secas)/ pressão baixa (folhas verdes), gripe, dor no estômago, febre		Humano	8	F, JR, STA
	<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf	13908	Capim de aruanda	Folhas e flor	Chá, banho			Humano	1	STA
Polygalaceae	<i>Polygala martiana</i> A. W. Benn.	13935	Pecaconha	Raiz	Chá	Gripe		Humano	4	F
Rosaceae	<i>Rosa</i> sp.	—	Rosa vermelha	Flor	Coloca na água	Para fazer a menstruação ir embora		Humano	1	F
	<i>Rosa</i> spp.	—	Rosa branca	Flor	Coloca na água	Coração, pressão alta, gases presos, dor, dor de barriga		Humano	1	F
Rubiaceae	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	13979	Cainana	Raiz	Banho, garrafada	Reumatismo, dores no corpo, mal olhado, febre	No preparo da garrafada colocar a raiz na cachaça	Humano	2	JR
	<i>Genipa infundibuliformis</i> Zappi & Semir	13988	Jenipapo	Cavaco		Ferida	Colocar o cavaco em cima da ferida	Humano	1	F
	<i>Coffea</i> sp.	—	Café	Sementes	Pó	Verme	Misturar na comida com sal	Cachorro	1	STA
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	13989	Arruda	Folhas	Chá	Dor		Humano	1	STA
	<i>Citrus</i> sp.	13993	Laranja da terra	Folhas	Chá	Pressão alta		Humano	4	JR, F
Scrophylariaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	13950	Vassourinha	Ramos	Sumo, chá	Gripe, dor	o sumo é usado para gripe de criança	Humano	2	JR, STA

Tabela 1 - Lista de plantas de uso medicinal nas comunidades Santo Amaro, João Rodrigues e Fojo

	<i>Scoparia</i> sp.	13926	Quitoco	Folhas	Chá	Dor		Humano	1	F
Solanaceae	<i>Solanum americanum</i> Mill.	13005	Erva de santa maria	Folhas	Sumo	Impinge, pancada		Humano	2	F, JR
	<i>Cestrum laevigatum</i> Schlttdl.	13948	Coerana	Folhas	Chá	Pela de cachorro		Qualquer animal/humano	1	F
	<i>Solanum</i> sp.	13994	Orelha de burro	Folhas	Banho	Ferida na pele, sarna		Humano	1	JR
Urticaceae	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm	13944	Brilhantina	Folha	Chá	Dor de mulher		Humano	1	F
Verbenaceae	<i>Lippia thymoides</i> Mart. & Schauer	13949	Alecrim do sertão	Ramos	Chá	Febre, estomago		Humano	1	F
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	13904	Erva cidreira	Ramos e folhas	Chá	Dor de barriga, calmante, pressão alta, disenteria		Humano	7	F, STA, JR
	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	13957	Fidalgo	Folha		Dor de barriga	Amornar a folha e colocar em cima da barriga	Humano	1	F
Violaceae	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) G. K. Schultz	13909	Purga do campo	Folhas, raiz	Chá	Ovário, inflamação, dor		Humano	5	F, STA
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm.	13941	Baronesa	Folha	Chá	Pressão		Humano	1	F
	<i>Hedychium coronarium</i> J. König	13924	Jasmim	Folhas, raiz, flor	Banho e chá	Cólica, pressão alta	cólica de criança	Humano	3	F, STA

NR: número de registro; **NC:** número de citações; **F:** Fojo; **STA:** Santo Amaro; **JR:** João Rodrigues

____ plantas não coletadas

Em outro estudo em região de Mata Atlântica as famílias mais representativas também foram Asteraceae e Lamiaceae (DI STASI, 2002). No entanto, este resultado também pode ser visto em estudos realizados em biomas distintos (CORNARA et al., 2009; ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2007; COELHO-FERREIRA, 2009). Segundo Leonti (2011), esta maior citação deve-se a vasta abundância das plantas destas famílias, da facilidade de se desenvolverem perto de quintais, com fácil acessibilidade. Citam ainda que estas possuem características como aroma e cores atrativas, e são mais utilizadas do que aquelas que são raras e provavelmente logo serão extintas.

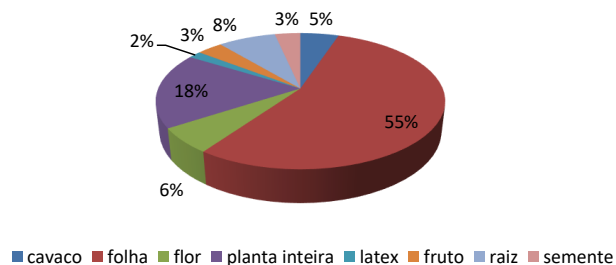
Das 91 espécies listadas 39,5% são nativas da Mata Atlântica, sendo *Caryocar enduro*, *Chondrodendron microphyllum*, *Genipa infundibuliformis* endêmicas desse bioma; 43% pertencem a outros biomas brasileiros ou são exóticas e 17,5% não tiveram sua origem determinada.

As espécies mais citadas neste estudo foram *Ocimum basilicum* com 9 citações; *Chenopodium ambrosioides* e *Cymbopogon citratus* com 8 citações e *Annona muricata*, *Artemisia vulgaris*, *Vernonia condensata* e *Lippia alba* com 7 citações

6.3 Parte da planta

A parte das plantas mais utilizada é a parte aérea. As folhas representaram um total de 55% nas citações, seguida da planta inteira (18%), raiz 8%, flor 6%, “cavaco” (casca da árvore) 5%, fruto e semente 3% e látex 1% como ilustrado na figura 3.

Figura 3 – Parte das plantas mais usadas no preparo de medicamentos caseiros



6.4 Forma de preparo

A forma de preparo mais usada foi o chá com 56 citações, seguida de sumo e banho com 19 citações. Outras formas de uso como “lambedor” (xarope), “colocar na água ou no álcool” (método de preparo por decocção), o preparo de pó a partir da folha da planta e a própria planta cultivada também foram citados. O método de preparo do “lambedor” foi sempre descrito da mesma maneira, colocar a folha ou o “cavaco” para cozinhar junto com açúcar ou mel para obter como resultado final um tipo de xarope. O uso do sumo também, na maioria das vezes, foi recomendado apenas com a adição de leite ou água para que a planta não provocasse “efeito inverso na pessoa doente”, exacerbando a manifestação dos sintomas.

No caso do preparo do chá, houve relatos diferentes sobre a forma de preparo. Alguns informantes recomendaram a fervura da planta junto com a água, outros contra indicaram o cozimento da planta. No caso do uso do pó de espécies como *C. ambrosioides*, *A. occidentale*, *S. occidentalis* e *H. pectinata*, o preparo se dá através do “torramento” das folhas e a partir da maceração destas até a obtenção de um pó.

A forma de preparo do banho foi sempre descrita da mesma maneira, através do preparo de chá concentrado e depois misturado com a água do banho.

6.5 Indicações

Foram citadas 50 diferentes indicações médicas para as espécies relacionadas na tabela 1, das quais se destacam os usos relacionados à dor de diversos tipos: dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, dor de barriga, dor no corpo, dor no estômago, dor muscular e dor em geral, totalizando 37 espécies destinadas a esse fim. Houve destaque também para as afecções no sistema digestório, como por exemplo, disenteria, diarreia, dor no estômago, gastrite e “quentura na barriga” com 23 espécies relacionadas.

Quinze indicações relacionavam-se ao aparelho genito-urinário, tendo destaque para problemas do sistema reprodutor feminino (cólica, dor de mulher,

útero inflamado, banho de asseio⁷, ovário, inflamação de mulher, rins) considerar que a maioria dos informantes eram mulheres.

Dentre as espécies pertencentes à família Lamiaceae, a qual apresentou destaque entre as citações, os dois gêneros mais frequentes foram *Mentha* e *Ocimum* com indicação principal para o tratamento da dor. No entanto aparecem não só com indicação medicinal, mas também para “espante” (espantar coisas ruins) ou “espinhela caída” (quando se está com o corpo doído decorrente de “mal olhado”).

As indicações religiosas ou supersticiosas mencionadas acima totalizaram em oito. Destas, quatro foram citadas por informantes da comunidade João Rodrigues, três da comunidade Santo Amaro e uma na comunidade Fojo. Nesta última comunidade foi possível perceber uma arbitrariedade ao não uso das plantas para este fim, devido à conversão para a religião evangélica. Este fato pode ser exemplificado em uma resposta ao questionamento sobre o uso de plantas para banho, feita a um informante-chave da comunidade Fojo: “Não existe essas coisa que o povo diz de espante. Aqui nós não usa mais isso... Antigamente, quando era metido nessas religião tinha, mas hoje aqui todo mundo é da Assembleia”. Já no estudo realizado por Crepaldi e Peixoto(2009) em comunidade remanescente de quilombo na Mata Atlântica, mesmo com influências católicas e evangélicas, as pessoas da comunidade ainda preservam o uso supersticioso das plantas como uma forma de preservar o conhecimento de seus ancestrais. Este resultado também esteve presente no estudo de Almeida e Bandeira (2010) em região semi-árida da Bahia.

6.6 Etnomedicina veterinária

Todos os informantes chave entrevistados possuíam algum tipo de animal. Os animais encontrados nas propriedades foram cães, gatos, frango/galinha, bovinos, suínos, equinos e periquito. No entanto, uma pequena quantidade de plantas foi citada para uso veterinário, um total de 13 espécies botânicas (11%). Houve um predomínio da indicação de plantas para tratamento de doenças dermatológicas, como por exemplo, “ferida”, “pela de cachorro” e sarna. Das 13 espécies citadas, 5

⁷ Mesmo que banho de assento

foram indicadas como de uso exclusivo para animais e as outras 8 para uso veterinário e humano. As de indicação exclusivamente veterinária foram: *Caladium bicolor* (indicada no tratamento de “ferida”) uso semelhante ao encontrado por Egharevb e Ikhatu (2008); *Desmodium adscendens* (indicado para “cachorro inchado”, problema de pele “sem querer comer”), *Manihot* sp. (carrapato ou sarna), *Musa* sp. (espirro, doença no olho de galinha) e *Coffea* sp. (verme).

Este número reduzido de plantas citadas para uso veterinário pode ser explicado pelo fato das comunidades estudadas não possuírem tradição na pecuária. Em estudos realizados em comunidades com este tipo de cultura, a gama de espécies citadas para esse fim foi consideravelmente maior (VIEGI et al., 2003; PASSALACQUA et al., 2006; YINEGER et al., 2007; FAROOQ et al., 2008).

De fato, a criação de frangos é a mais relevante em todas as comunidades deste estudo. No entanto, esta é uma atividade recente que não representa um costume tradicional, ou que perdure ao longo dos anos. Recentemente, as pessoas das comunidades passaram por uma capacitação em criação de frango caipira, tendo uma facilitação de crédito para a compra dos animais. Esta nova prática veio a influenciar diretamente na diversidade das plantas cultivadas nos quintais das casas. Ao serem questionados sobre algumas plantas que não estavam disponíveis para a coleta no momento das visitas, os informantes justificaram que os frangos eram responsáveis pelo sumiço das plantas, já que são criados de maneira extensiva, a exemplo deste trecho: “... agora não dá pra plantá que essas galinha agora acaba com tudo.”

Observou-se que os frangos apresentavam problemas oftalmológicos e dermatológicos, e que mesmo os animais de companhia, como cães e gatos, apresentavam, em sua maioria, escore corporal baixo e problemas dermatológicos aparentes.

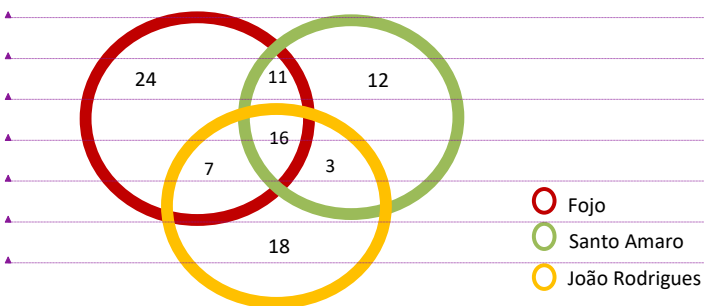
Diante da situação precária de higiene e habitação em que os informantes e demais moradores das comunidades estudadas se encontram, com ausência de saneamento básico, sanitários, água potável, energia elétrica e postos de saúde, é facilmente compreendida a despreocupação com a saúde dos animais que os cercam. Possivelmente, a falta de recursos para a própria saúde dos moradores, faz com que se torne irrelevante a saúde dos animais ali presentes.

6.7 Interação entre as comunidades

Atualmente no município de Itacaré há a formação de um Conselho Quilombola, do qual fazem parte os integrantes de cada comunidade remanescente de quilombo. Este fato possibilita a interação entre os moradores das três comunidades do estudo. Algo frequente também é a quantidade de pessoas que nasceram em uma comunidade remanescente de quilombo e se mudou para a que vive atualmente, sugerindo que há troca de informações entre o Fojo, João Rodrigues e Santo Amaro.

Foi realizada uma análise comparativa entre a similaridade das espécies botânicas citadas pelas três comunidades. Constatou-se que apesar de estarem próximas geograficamente, de haver o contato e troca de informações entre pessoas desta comunidades, e de estarem presentes em regiões de vegetação semelhante, apenas 17,58% do total de espécies são de uso comum entre as três comunidades, conforme pode ser observado na figura 3.

Figura 3 - Intersecção de conhecimentos entre as comunidades



Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

6.8 Herança africana X Comunidades remanescentes de quilombo

Estima-se que a quantidade de negros africanos retirados de sua pátria devido a escravidão tenha sido de 15 milhões sendo que cerca de 40% deste total veio para o Brasil (REIS; GOMES, 1996). Estes vieram de diversas partes do

continente africano. Estudos históricos mostram que a maior parte dos escravos que ocuparam a região Norte e Nordeste do Brasil vieram da Costa Ocidental da África, principalmente Benim, Guiné e Nigéria (THORNTON, 2004). Partindo deste princípio, foi feita uma comparação entre os resultados do presente estudo com estudos etnobotânicos recentes realizados nos referidos países africanos (ABO et al, 2008; MAGASSOUBA et al, 2007; AJIBESIN et al, 2007; ALLABI et al, 2010).

Apesar de tantos anos decorridos desde o fim da escravidão e levando em consideração toda a miscigenação ocorrida tanto no Brasil quanto na África, pôde-se perceber uma similaridade entre gêneros de plantas usadas pelas comunidades deste estudo e pelas comunidades de estudos africanos. Os gêneros similares foram: *Manihot*, *Ocimum*, *Citrus*, *Musa*, *Phyllanthus*, *Mangifera*, *Annona*, *Vernonia*, *Bixa*, *Senna*, *Bidens*, *Vismia*, *Persea*, *Gossypium*, *Psidium*, *Solanum*, *Anacardium*, *Cocos*, *Cleome*, *Cajanus*, *Desmodium*, *Cymbopogon*, *Eugenia*, *Caladium* e *Justicia*. Os gêneros *Vernonia* (Asteraceae) e *Ocimum*, (Lamiaceae), foram citados em todos os trabalhos comparados.

Albuquerque (1998) supõe que a família Lamiaceae está relacionada à intersecção dos conhecimentos entre Brasil e África. A África parece ser o centro de diversificação e de origem das espécies sul americanas de *Ocimum*, sendo que as espécies encontradas no referido continente apresentam grande semelhança com as espécies nativas brasileiras (ALBUQUERQUE, 1998). Quanto à espécie *Vernonia condensata*, esta originária da África e trazida para o Brasil nos tempos da escravidão pelos negros, é amplamente utilizada em terreiros de candomblé para o preparo de “abôs” (banhos) na Bahia e oferecida aos orixás Ogun e Omolu (VOEKS, 1995). No presente estudo, esta espécie foi indicada para tratamento de problemas no sistema digestório e problemas dermatológicos, inclusive para o tratamento de cães, não havendo referencia quanto ao seu uso em banhos.

Voeks (1997) e Carney (2001) apontaram que importantes espécies foram trazidas para o Novo Mundo em decorrência da diáspora africana. Quando chegaram ao Brasil, os africanos trouxeram os conhecimentos etnomédicos que já praticavam em seu continente. No entanto, se depararam com um novo tipo de flora, com pessoas de outras origens, e obviamente com novas enfermidades. Desta maneira, tiveram que se adaptar e experimentar uma nova variedade de espécies botânicas para utilizar em seus tratamentos. É natural que haja influências africanas tanto religiosas quanto etnomédicas nas práticas exercidas por pessoas que

possuem essa descendência no Brasil, mas também é compreensível a mudança de hábitos relacionada com o confronto a um novo ambiente (VOEKS, 2009).

O sincretismo é uma marca cultural do Brasil, ocorre por contribuições das mais diversas etnias e está presente em várias manifestações. A contribuição da cultura africana também se faz presente nas práticas de saúde e a muito se deve ao fato de que a ocorrência de doenças, nas religiões africanas, é atribuída a fatos místicos e religiosos (PORTO, 2006).

Desta maneira, foi possível traçar um paralelo entre as plantas citadas pelas comunidades deste estudo e plantas usadas em rituais afro-brasileiros na região Nordeste do Brasil. No estudo de Albuquerque (1997), sobre plantas usadas terreiros de candomblé em Recife (PE), os seguintes gêneros e espécies foram semelhantes: *Gossypium*, *Justicia*, *Schinus terebenthifolius*, *Wedellia trilobata*, *Lippia alba*, *Solanum paniculatum*, *Peperomia pellucida*, *Ocimum basilicum*, *Chenopodium ambrosioides*, *Phyllanthus niruri*, *Scoparia dulcis*.

Em outro estudo sobre plantas usadas em terreiros de candomblé de Salvador (BA) os seguintes gêneros e espécies usados para o tratamento de enfermidades foram semelhantes aos indicados neste estudo: *Gossypium*, *Hybanthus calceolaria*, *Miconia*, *Cymbopogon*, *Peperomia pelucida*, *Plectranthus*, *Hyptis*, *Mentha pulegium*, *Hedrychium coronarium*, *Citrus*, *Zornia*, *Alpinia zerumbet*, *Scoparia dulcis*, *Wedelia*, *Ocimum*, *Plantago major*, *Senna occidentalis*, *Schinus terebintifolius*, *Chenopodium ambrosioides*, *Petiveria alliaceae*, *Centratherum punctatum*, *Clidemia hirta* e *Bidens pilosa* (VOEKS, 1997).

É importante ressaltar que as plantas mencionadas pelos informantes chave no presente estudo não foram, em momento nenhum, relacionadas aos orixás ou a rituais religiosos, apesar de estarem presentes também entre as citações da comunidade Fojo e João Rodrigues que são de religião evangélica e católica respectivamente.

7 CONCLUSÕES

O registro de comunidades remanescentes de quilombo perpassa por questões ligadas ao interesse pela posse de terra, status social e reconhecimento perante a sociedade. Não se sabe ao certo a origem das comunidades

remanescentes de quilombo do município de Itacaré. Entretanto, as pessoas que habitam esta comunidades se reconhecem e se declaram como descendentes de escravos africanos e este fato é irrevogável.

As comunidades remanescentes de quilombo Fojo, Santo Amaro e João Rodrigues possuem um conhecimento a respeito do uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças humanas e veterinárias. A perpetuação deste conhecimento nestas comunidades se deve a transmissão horizontal, sendo passado por gerações, apesar de inevitavelmente também sofrer alterações e interferências da medicina moderna.

Deve-se ressaltar também a contextualização cultural e geográfica destas comunidades, que se localizam afastadas do meio urbano, sendo necessárias muitas vezes intervenções próprias sobre os problemas de saúde/doença, tendo as plantas medicinais relevada importância. Os informantes-chave que participaram do presente estudo possuem papel fundamental para a manutenção e transmissão deste saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABO, K. A., al. Ethnobotanical studies of medicinal plants used in the management of diabetes mellitus in South Western Nigeria. **Journal of Ethnopharmacology** 115(1): p. 67-71, 2008.
- AJIBESIN, K. K. et al. Ethnobotanical survey of Akwa Ibom State of Nigeria. **Journal of Ethnopharmacology** 115(3): p. 387-408, 2008.
- ALBUQUERQUE, U. P.; OLIVEIRA, R. F. Is the use-impact on native caatinga species in Brazil reduced by the high species richness of medicinal plants? **Journal of Ethnopharmacology** 113 (1): p. 156-170, 2007.
- ALBUQUERQUE, U.P., HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia** p. 678-689, 2006. Suplementum 16.
- ALBUQUERQUE, U. P. LUCENA, R. F. P., ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U. P et al. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE: Nuppea, 2010.
- ALBUQUERQUE, U. P.; HOLANDA, C. A. El género *Ocimum* L. (Lamiaceae) em el nordeste del Brasil. *Anales del jardín Botánico de Madrid*, 56, 1998.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Folhas sagradas: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 195 p, 1997.
- ALLABI, A. C., et al. The use of medicinal plants in self-care in the Agonlin region of Benin. **Journal of Ethnopharmacology** 133(1): p. 234-243, 2011.
- ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. F. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia** 61(2): 195-209, 2010.
- AMOROZO, M.C.M. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnobiology**. 24(1): p. 139-

161, 2004.

BAILEY, K. **Methods of social research**. 4ª Ed. New York: The Free Press, 588p, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CO N1988.pdf>. Acesso em: 03 set. 2011.

CARNEY, J. 2001. **Black Rice: The African Origins of Rice Cultivation in the Americas**. Cambridge: Harvard University Press.

COELHO-FERREIRA, M. Medicinal knowledge and plant utilization in an Amazonian coastal community of Marudá, Pará State (Brazil). **Journal of Ethnopharmacology** 126(1): p. 159-175, 2009.

CORNARA, L. et al. Traditional uses of plants in the Eastern Riviera (Liguria, Italy). **Journal of Ethnopharmacology** 125(1): p. 16-30, 2009.

CREPALDI, M.; PEIXOTO, A. Use and knowledge of plants by "Quilombolas" as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 19(1): p. 37-60, 2009.

DI STASI, L. C. et al. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia** 73(1): p. 69-91, 2002.

EGHAREYBA, R. K. A., IKHATU, M. I. Ethno- Medical Uses of Plants in the Treatment of Various Skin Diseases in Ovia North East, Edo State, Nigeria. **Research Journal of Agriculture and Biological Sciences**, 4(1): p. 58-64. 2008.

FAROOQ, Z. et al. Ethnoveterinary practices for the treatment of parasitic diseases in livestock in Cholistan desert (Pakistan). **Journal of Ethnopharmacology** 118(2): p. 213-219, 2008.

FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PALMARES. Certidões atualizadas. Disponível em: <http://www.palmare.gov.br/> último acesso, 20/07/2011

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica**

Brasilica 24: p. 395-406, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em 15 janeiro de 2011.

INSTITUTO FLORESTA VIVA. Diagnóstico participativo e fortalecimento comunitário das comunidades quilombolas em Itacaré, Sul da Bahia. Relatório Final. 176 p, 2008.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica** Vol. 4 (2): p. 333-354, 2000.

LEITE, I. B. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Revista Estudos Feministas** 16: p. 965-977, 2008.

LEONTI, M. The future is written: Impact of scripts on the cognition, selection, knowledge and transmission of medicinal plant use and its implications for ethnobotany and ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology** 134(3): p. 542-555, 2011.

MAGASSOUBA, F. B. et al. Ethnobotanical survey and antibacterial activity of some plants used in Guinean traditional medicine. **Journal of Ethnopharmacology** 114(1): p. 44-53, 2007.

MCCORKLE, C. An introduction to ethnoveterinary research and development. **Journal of ethnobiology** 6 (1): p. 129-149, 1986.

PASSALACQUA, N. et al. Contribution to the knowledge of the veterinary science and of the ethnobotany in Calabria region (Southern Italy). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 2(1): 52, 2006.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta botanica brasilica** 20(4): p. 751-762, 2006.

PIOTTO, D., et al. Forest recovery after swidden cultivation across a 40-year chronosequence in the Atlantic forest of southern Bahia, Brazil. **Plant Ecology** 205(2): p. 261-272, 2009.

PIRES, M. V. et al. Etnobotânica de terreiros de camdomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** 7: p. 3-8, 2009.

PORTO, A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro 13 (4): p. 1019-27, 2006.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, B. G. **Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia**. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1986.

REIS, J. J.; GOMES, F. S. **Liberdade por um fio: historia dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 509p, 2000.

SANTOS, L. L. et al. Técnicas para coleta e processamento de material botânico e suas aplicações na pesquisa etnobotânica. In: ALBUQUERQUE, U. P et al. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE: Nuppea, 2010.

TABARELLI, M. et al. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. **Megadiversidade** 1 (1): 132-138, 2005.

THORNTON, J. K. **A África e os africanos: na formação do mundo Atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro Campus, 436 p, 2004.

VIEGI, L. et al. A review of plants used in folk veterinary medicine in Italy as basis for a databank. **Journal of Ethnopharmacology** 89(2-3): p. 221-244, 2003.

VOEKS, R. A. Traditions in transition: African diaspora Ethnobotany in lowland south America. In: ALEXIADES, M. **Mobility and Migration in Indigenous Amazonia: Contemporary Ethnoecological Perspectives**. Oxford: Berghahn, 2009.

VOEKS, R. A. **Sacred leaves of Candomblé: African magic, medicine, and religion in Brazil**. University of Texas Press, Austin, TX, 1997.

VOEKS, R. A. Candomblé ethnobotany: African medicinal plant classification in Brazil. In: MINNIS, P. **Ethnobotany: a reader**. University of Oklahoma Press, Norman, 1995.

YINEGER, H. et al. Ethnoveterinary medicinal plants at Bale Mountains National Park, Ethiopia. **Journal of Ethnopharmacology** 112(1): p. 55-70, 2007.

